

## 28 ANOS DE “PEDAGOGIA DA AUTONOMIA” DE PAULO FREIRE: AUTONOMIA EDUCACIONAL FRENTE ÀS CONCEPÇÕES DA NEUROCIÊNCIA DE STANISLAS DEHAENE

Carla Caroline Brandão Jacqminut<sup>1</sup>  
Luziene Pinheiro Passos<sup>2</sup>  
Márcia de Oliveira Lima<sup>3</sup>  
Evandro Luis Ghedin<sup>4</sup>

### RESUMO

Este estudo propõe uma análise comparativa entre as novas concepções da neurociência apresentadas por Stanislas Dehaene e a obra “Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa” de Paulo Freire. A análise surge a partir das atividades desenvolvidas no Laboratório de Formação de Professores para o Desenvolvimento Metacognitivo-crítico (LaDeM), onde obras de neurociência e formação de professores são exploradas, interpretadas e objeto de estudo. A autonomia proposta em Freire é característica da função docente, chamadas de “saberes necessários”. A autonomia proposta pelos estudos de Dehaene, incide nos próprios processos cognitivos, como a criatividade, tomada de decisões e raciocínio lógico, de maneira tal que a inteligência artificial tem aporte nos processos humanos para aprimorar-se. Apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa, realizada em duas obras: “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (1996; 2005) e “É assim que aprendemos: por que o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...)” de Stanislas Dehaene (2022). A partir da investigação realizada, foi possível identificar convergências entre as percepções dos autores, destacando-se a inter relação entre as obras no contexto do processo de ensino-aprendizagem e da autonomia docente. O resultado demonstra a importância de considerar ambas as perspectivas para o desenvolvimento pleno do processo de ensino-aprendizagem, que é um dos maiores feitos humanos, na visão dos dois autores.

**Palavras-chave:** Autonomia docente, Neurociência, Formação de professores, Processos cognitivos, Ensino-aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

A obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire tem relevância contínua na educação. Publicado no ano de 1996, um ano antes do falecimento do autor, o pequeno livro de poucas páginas, faz justiça a afirmação popular de que “não se pode julgar um livro pela capa”, pois o que lhe parece ausente na propaganda vendável de produto, lhe

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, [carla.jacqminut@semed.am.gov.br](mailto:carla.jacqminut@semed.am.gov.br);

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, [lupinheiro@gmail.com](mailto:lupinheiro@gmail.com);

<sup>3</sup> Especialista em Gestão e Supervisão escolar pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - Uninassau Recife-PE, [marcyaooliveira14@gmail.com](mailto:marcyaooliveira14@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Pós-doutor em Didática pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, [evandroghedin@ufam.edu.br](mailto:evandroghedin@ufam.edu.br).

sobra em conhecimento, reflexões e propostas de práticas pedagógicas para uma educação libertadora, tornando-se um dos maiores legados do autor.

Na obra, a visão humanizadora do processo educativo, cuja centralidade é o ensino-aprendizagem do estudante envolto em seu contexto político e social, é revelada através de bases do processo formativo do professor, incluindo métodos e experiências de renovação das práticas pedagógicas, de forma tal, que o resultado seja parte da emancipação social e humana.

A obra é dividida em três capítulos que se complementam:

- Não há docência sem discência;
- Ensinar não é transferir conhecimento;
- Ensinar é uma especificidade humana.

É importante observar que, tal como um efeito biológico em cadeia, os próprios capítulos já figuram a relação de codependência entre o professor e o aluno: um precisa do outro. A discência pressupõe docência; a docência pressupõe responsabilidade no exercício do ato que é especificidade humana: o ato de ensinar. Para cada capítulo, a locução verbal introdutória de cada subitem “Ensinar exige”, confronta o campo de atuação do profissional no exercício da sua profissão, convocando um efeito de consciência um pouco abstrato para a época. Damásio (2021) na obra “Sentir e Saber: as origens da consciência”, desvela o campo da neurociência em particular cooperação com os escritos de Paulo Freire. Ainda que não haja evidências de que António Damásio possa ter tido acesso às concepções de Freire, uma vez que os autores atuam em campos até pouco tempo considerados incongruentes, a leitura torna neurocientificamente confirmada as “exigências” de Freire no ensinar. Ao reafirmar que a importância da consciência advém do que ela proporciona diretamente para a mente humana e do que ela permite que a mente descubra em seguida, e de como a consciência possibilita experiências mentais, do prazer à dor, em conjunto com tudo o que percebemos, memorizamos, relembramos e manipulamos enquanto descrevemos o mundo que nos cerca e o mundo dentro de nós no processo de observar, pensar e raciocinar, António Damásio (2021) convoca, de certa maneira, aquilo que Freire vai nomear de “indispensável à prática docente”, tanto para progressistas, quanto para conservadores (Freire, 1996; 2006). Assim, por essa óptica, Pedagogia da Autonomia mantém o seu valor de relevância contínua para a educação inalterado e agora confirmado pelo que a humanidade vem produzindo de conhecimento neurocientífico, o que nos coloca na questão central deste estudo: é possível realizar a interlocução ou diálogo entre Paulo

Freire e as concepções da neurociência de Dehaene? É possível encontrar os saberes necessários à prática educativa (Freire, 1996; 2005) nas novas concepções da neurociência (Dehaene, 2022)?

A resposta a essa questão pautará sua trajetória em pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa. O que se pretende é, partindo dos “saberes necessários à prática educativa” (Freire, 1996; 2005), identificá-los nas concepções da neurociência sobre os processos cognitivos (Dehaene, 2022); nos inquieta na análise, a dimensão de importância de ambas as obras para os educadores brasileiros, desta época e das que virão, tecendo uma conjectura coesa entre o/a professor/a e as novas descobertas neurocientíficas, validando o que Ghedin e Franco (2011) já antecipam:

A busca de novos sentidos para a cientificidade da pesquisa em educação não apenas sinalizará a nova fase dos estudos sobre a prática docente, como também poderá dar conta de fundamentar a validade da pesquisa científica da educação, trazendo respostas tanto às questões concernentes à resignificação da ciência que tratam da possibilidade de delimitar, em cada momento, *o certo, o justo, o belo e o bom* quanto ao critério ético de conhecimento para todos. (GHEDIN E FRANCO, 2011, p. 67)

## **METODOLOGIA**

Para a condução no caminho, a pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa, foi a escolhida pois, como professores/as em contínuo processo formativo por imperativo existencial e histórico (Freire, 1997; 2000), somos objetos e sujeitos na própria pesquisa, buscando confirmar e validar o que aprendemos na formação inicial, muitas vezes esquecido nos fazeres cotidianos da profissão. Conforme Ghedin e Franco (2011), na pesquisa qualitativa, o professor vai passando gradativamente, na evolução das pesquisas, de objeto a sujeito, pois a pesquisa qualitativa centrará seu foco na descoberta desse sujeito, em sua compreensão; vai buscar sua colaboração, fazer-se parceira dele, preocupar-se com sua formação, com suas histórias. E, além do professor como sujeito, surgem também os alunos, os pais, a comunidade e reafirma-se a questão essencial do sujeito. Ainda, os autores sustentam que através da pesquisa qualitativa o olhar sério, comprometido, constante dos pesquisadores sobre o cotidiano das práticas educacionais permitiu-lhes, por certo, liberar seu pensamento de muitos raciocínios supostos e defrontar-se com realidades jamais

suspeitadas, embora sempre presentes. E essa maneira de olhar teve, ora “as lentes” da neurociência do autor escolhido, ora a “lanterna freiriana”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O desafio de localizar a abordagem pedagógica de Freire nas conjecturas da Neurociência, foi proposto pelo Professor Doutor Evandro Ghedin no Laboratório de Formação dos Professores para o Desenvolvimento Metacognitivo – crítico (LaDeM) durante a análise das obras de António Damásio, Steven Pinker, Leonard Mlodinow e Stanislas Dehaene.

Para “caminhar o caminho” de análise e proposta de resposta ao desafio, foi selecionado o autor Stanislas Dehaene, partindo do critério de proximidade de suas obras com as consultas recentes da nossa etapa formativa. Das obras lançadas pelo autor, optamos por “É assim que aprendemos: por que o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...)”, pois ocupa-se em esclarecer como a Inteligência Artificial busca aprimoramento através dos “mecanismos” puramente humanos. A obra possui o trajeto neurocientífico em etapas, a fim de alocar o leitor ao contexto que será desenvolvido, a desconstrução dos conceitos de consciência, inteligência e sentimentos no âmbito de saberes do senso comum popular, para uma introdução científica que será sustentada e respaldada. Com o mesmo propósito, a introdução de conceitos científicos que abrangem o estudo do sistema nervoso, corpo e mente, completam o trabalho de gerar inquietações aos leitores sobre o que sabem e se realmente as sabem, num movimento de valorização do grande potencial do cérebro humano. Como representante da abordagem pedagógica freiriana, a obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” foi a selecionada dada a importância do escrito nos cursos de formação inicial e continuada dos/as professores/as, e como a obra mantém espaço de relevância – mesmo em tempos de muitas pesquisas neurocientíficas.

Na literatura dos autores doravante mencionados, recorreremos aos textos com uma leitura compartilhada do todo, focalizando a pertinência da abordagem pedagógica freiriana perante as concepções neurocientíficas. Assim, foi possível reconhecer, nas obras neurocientíficas, os aspectos históricos, sociológicos, políticos e pedagógicos nos conceitos difundidos em Freire.

Os quadros a seguir pretendem compreender os dois polos de análise de maneira que possam confluir, interpretando o quanto de Freire tem em Dehaene; e assim, a partir

de então, não há como rever um autor sem o outro. É importante destacar que cada um dos três capítulos de “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” possuem nove subitens. Embora tenhamos interpretado a todos, consoante o método que esclarecemos, escolhemos citar apenas dois subitens, guardando nossas análises para futuros trabalhos.

Quadro 1: Capítulo 1 - Não há docência sem discência

AUTORES  Subitens (Freire, 1996; 2005)	FREIRE (1996; 2005)	DEHAENE (2022)
1.2- E.e. pesquisa	Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.	São as projeções do cérebro que, em última análise, dão sentido ao fluxo de dados que nos chega dos sentidos. [...] o cérebro interioriza um novo aspecto da realidade: ajusta seus circuitos para se apropriar de algo que fugia ao seu controle até então.
1.3- E.e. respeito aos saberes dos educandos	[...]à escola [...] respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária [...]	De fato, é espantoso que, simplesmente corrigindo erros, seja possível descobrir todo um conjunto de dicas apropriadas para o problema em foco.

Fonte: Elaboração dos autores, 2024. E.e. – abreviação de Ensinar exige.

“Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente, que historicamente, mulheres e homens descobriam que era possível ensinar” (Freire, 1996; 2005). A análise interpretativa do quadro nos evidencia como a concepção neurocientífica conclui, de forma técnica e partindo de seu campo de estudo, aquilo que Freire já entendera, partindo da sua área de formação e de sua empiria, tão presente em seus textos. Compreendemos a partir do quadro o ensino-aprendizagem como codependentes, em um processo de pesquisa. Freire (1996; 2005) ao convocar o ato de pesquisar como imperativo de constatação e intervenção, educa e educa-se, ou seja, a mobilização de seus processos cognitivos são tão latentes ao ponto de eclodir em novos conhecimentos, que ora desconhecidos, já não podem manterem-se em segredo.

Dehaene (2022) também demonstra como o cérebro atua no ato de pesquisar, dando sentido ao fluxo de dados que chegam dos sentidos, partindo do pressuposto de que todos os sentidos estão envolvidos na pesquisa e precisamos deles para todas as etapas, interiorizando um novo aspecto da realidade, ou seja, o novo conhecimento adquirido, que doravante fogia ao seu controle, agora permanece através dos circuitos que foram ajustados para apropriar-se dele.

Quadro 2: Capítulo 2 – Ensinar não é transferir conhecimento

2.3- E.e. respeito à autonomia do ser educado	[...] o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos.	Os bons professores já têm plena consciência dessas ideias. Eles comprovam diariamente o ditado romano <i>errare humanum est</i> , errar é humano. Com um olhar compreensivo encaram os erros dos estudantes, pois reconhecem que ninguém aprende sem errar.
2.7- E.e. alegria e esperança	A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” inscrito na natureza dos seres humanos.	Somente nos conhecendo melhor poderemos aproveitar ao máximo poderosos algoritmos que aparelham nosso cérebro.

Fonte: Elaboração dos autores, 2024. E.e. – abreviação de Ensinar exige.

Freire (1996; 2005) enuncia nesse capítulo que, ao entrar na sala de aula, ele precisa ser aberto à indagações, curiosidades, às perguntas e atento às inibições também, sendo crítico e inquiridor, pois não está posto a transferir conhecimentos, mas à ensinar. Ora, se não estamos postos a “transferir conhecimentos”, por que o espanto quando, após o processo de ensino-aprendizagem, os erros e as dúvidas ocorrem? Por que a preocupação com o erro e o acerto é posta como avaliador do sucesso e/ou insucesso? Nas palavras de Freire, o erro como processo do ensino-aprendizagem é natural, mas não pode ser naturalizado, como no caso de quem recebeu determinado conceito, mas continua a ignorá-lo no decorrer da vida (uma prova da transferência de conhecimento, não do ensino-aprendizagem). O erro é posto como etapa consolidatória e vai exigir a busca do “pensar certo”. Curiosidade, indagação, perguntas e até as inibições convocam o “pensar certo” que transcende o apelo epistemológico dos conteúdos, mas a análise ideológica “em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos” (Freire, 2005, p. 49). Dehaene (2022), traz os apelos de Freire pela ótica da

neurociência, como uma tarefa já realizada pelos “bons professores”. Neste capítulo, ao tratar da curiosidade, Freire chama de bom professor aquele “que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento” (2005, p. 86). Dehaene (2022), parte do apelo do olhar compreensivo, do erro como etapa humana e parte do aprender, como um processo cognitivo do pensamento reflexivo. É, da natureza dos seres humanos, o verbo ser no superlativo, e essa natureza não lhe pode ser negada, visto que é no ato de ser que nos conhecemos e aproveitamos todo o potencial da nossa aparelhagem cerebral; e isso convoca curiosidade, a possibilidade do erro e reflexão.

Quadro 3: Capítulo 3 – Ensinar é uma especificidade humana.

3.1- segurança, competência profissional e generosidade	E.e.  Como professor, não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei.	Estou profundamente convencido de que não se pode ensinar corretamente sem possuir, implícita ou explicitamente, um modelo mental equilibrado daquilo que se passa nas mentes dos aprendizes.
3.7- reconhecer que a educação é ideológica	E.e.  O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente.[...] Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos.	[...] sua liberdade pedagógica não será de modo algum cerceada pelo crescimento da ciência de como o cérebro aprende. Ao contrário um dos objetivos é permitir que os professores exerçam melhor essa liberdade.

Fonte: Elaboração dos autores, 2024. E.e. – abreviação de Ensinar exige.

A autoridade deomocrática do/a professor/a é fortalecida no tratamento das liberdades dos estudantes, e não precisa estar a todo momento reafirmando-se, com um ciclo em si mesma. Freire diz: “É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se” (2005, p. 91), é que professores/as podem (e devem) exercer sua autoridade democrática oriunda da sua firmeza: é a contramão do autoritarismo. Isso posto, as leituras dos autores revelam um caminho cerceado à educação e aos professores/as, onde o Estado se põe como competente para tomar decisões sobre a prática

educativa; perceber essa “lógica” é compreender que ensinar é uma especificidade humana, para humanos e por humanos. Freire ao afirmar que “não posso ensinar o que não sei” (2005, p. 95), manifesta o movimento do ser gente. Se perguntarmos onde está assentada a autonomia das nossas ações, as respostas podem ser muitas, mas é necessário rigor metodológico para responder, e isso tem delegado à lógica do mercado o direito da resposta. À exemplo, caso não saibamos como se deu o processo do fim da escravização no Brasil, como podemos ensinar que seu fim se deu pela Lei Áurea? Se não sabemos como uma comunidade de coleta se ajusta às intempéries dos rios, como podemos ensinar sobre cheia e vazante? Dehaene (2022) sustenta que, sem um modelo mental equilibrado do que se passa nas mentes dos aprendizes, não podemos ensinar corretamente. E acrescenta: não se pode utilizar-se da ciência de forma prescritiva, de maneira que cerceie a liberdade pedagógica. O que mais precisa ser dito?

As reflexões que geraram, a partir dos quadros, no exercício da metacognição<sup>5</sup>, empraça à reflexão do quão atual os escritos da Pedagogia da Autonomia se mostram frente as concepções neurocientíficas de Dehaene. Nesse exercício, convoca-se a resposta ao questionamento: é possível realizar a interlocução ou diálogo entre Paulo Freire e as concepções da neurociência de Dehaene? Sim, é possível.

Ainda que em 1996 as pesquisas neurociências não percorrem os corredores pedagógicos, Freire já as disfundia, como em um discurso de práticas, mas no claro objetivo de transformação partindo do ideal do ser humano – e integralmente constituído ser humano. Para a neurociência, conforme as leituras de Dehaene, a autonomia pode ser vista como a capacidade do cérebro de agir de forma independente, tomando decisões e realizando ações sem depender exclusivamente de estímulos externos. Isso envolve processos cognitivos complexos, como a capacidade de planejar, tomar decisões com base em metas e valores pessoais, e controlar impulsos, de maneira tal que a inteligência artificial tem aporte nos processos humanos para aprimorar-se. A autonomia que se refere Freire, evoca processos mentais que, unidos da ferramenta cerebral e dos fatores culturais, oportunizam o pensar sobre a prática por meio de exigências que o ensinar reivindica. E

---

<sup>5</sup> TOMASELLO, Michael. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. WMF Martins Fontes: São Paulo, 2003. Tomasello sugere que a metacognição é uma parte essencial da natureza humana, que nos permite monitorar e controlar nossos processos cognitivos, bem como compartilhar e comunicar nossos pensamentos e intenções com os outros. É capacidade de refletir sobre o próprio pensamento e conhecimento, uma característica distintamente humana, que se desenvolve ao longo do tempo por meio da interação social e da participação em práticas culturais.

essa reivindicação, não desassociada da pesquisa empírica, surge no fazer diário, na práxis e nos processos pedagógicos dos saberes educativos para fazer educação.

É possível encontrar os saberes necessários à prática educativa (Freire, 1996; 2005) nas novas concepções da neurociência (Dehaene, 2022)? Sim, é possível! Entende-se na análise que, 28 anos após o lançamento de “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, a autonomia que se confirma através da neurociência, tem seus pontos de congruência na hiperdependência de um termo científico que convoca um termo pedagógico, filosófico, sociológico, cultural. Percebe-se ainda que não há prevalência de um em detrimento de outro: ambos traçam caminhos educativos para maximizar e potencializar o ensino-aprendizagem, o fazer docente, a vida em comunidade. E isso é autonomia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos constatar que sim: há a presença de Freire na obra de Dehaene. Há o diálogo entre essas novas pesquisas neurocientíficas, como confirmação empírica do que Freire já afirmava na década de 90. Nos tempos contemporâneos e novos achados da neurociência, conseguimos confirmar o que antes, Freire não poderia afirmar pelas lentes da neurociência.

O caminho traçado por Dehaene em sua conclusão do livro “É Assim que Aprendemos: Por que o Cérebro Funciona Melhor do que Qualquer Máquina (Ainda...)” - intitulada “Reconciliando Educação com Neurociência” - reflete com muita objetividade o que se propôs nesse estudo. Ao analisar as contribuições de Freire e Dehaene, torna-se evidente o quanto a neurociência pode colaborar com os saberes da prática educativa e do quanto precisa ser integrada ao ambiente educacional, não de forma imperativa ou prescritiva, mas por meio de colaborações específicas. É um fato que, ao transcender os aspectos de gestão de recursos e sem adicionar mais ações ao âmbito da escola, podemos ver através dos avanços já alcançados e confirmados por meio da intervenção escolar na vida dos indivíduos. Conforme afirmado por Dehaene (2022), a pedagogia é um privilégio exclusivo de nossa espécie.

Diante do exposto, é possível visualizar as ideias de Paulo Freire (1996; 2005) na obra de Stanislas Dehaene (2022) especialmente no que diz respeito à educação e ao ensino-aprendizagem. Ambos ocupam-se do desenvolvimento humano e na promoção de

uma educação que leve em consideração a autonomia e a capacidade crítica dos indivíduos.

Paulo Freire, com sua obra “Pedagogia da Autonomia”, enfatiza a importância de uma educação libertadora, que não apenas transmita conhecimento, mas que também promova a autonomia dos estudantes, incentivando-os a pensar criticamente e a agir de forma consciente no mundo: emancipação social e humana. E esta educação libertadora pressupõe a ação consciente do professor/a.

Stanislas Dehaene, na obra aqui estudada, partindo da neurociência, traz contribuições importantes sobre como o cérebro humano aprende e processa informações, o que o torna melhor que qualquer máquina (ainda...). Ele destaca a plasticidade cerebral e a capacidade do cérebro de se adaptar e aprender ao longo da vida, o que dialoga com os escritos de Freire sobre a capacidade humana de transformação.

Enquanto Freire foca no aspecto pedagógico e social da prática educativa, Dehaene traz uma perspectiva mais científica e neurológica dessa prática. No entanto, ambos compartilham a visão de que a educação deve ser um processo que valorize a autonomia, o pensamento crítico e a capacidade de transformação dos indivíduos. Estamos diante de vozes que ecoam em nossa racionalidade e que processam a necessidade de outros saberes que possam consolidar e reafirmar a autonomia, no sentido mais amplo de sua compreensão. Através de Freire e Dehaene, as reafirmações já ganham o seu merecido espaço de reflexão.

## REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, António. **Sentir e Saber: As origens da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DEHAENE, Stanislas. **É assim que aprendemos: por que o cérebro funciona melhor do que qualquer máquina (ainda...)**. São Paulo: Contexto, 2022.

FREIRE, Paulo (1996). **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. (1996). 31ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo (1997). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.



TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.**  
WMF Martins Fontes: São Paulo, 2003.

Dicio - Dicionário Online de Português. Disponível em:  
<https://www.dicio.com.br/autonomia/>. Acesso em: 29 fev. 24